

EXTRACTOS

DA

DECADA COMPOSTA POR ANTONIO BOCARRO,

Chronista de Sua Magestade, do Estado da India, dos Feitos dos Portuguezes no Oriente.

[Antonio Bocarro succeeded Diogo do Couto in the office of Keeper of the Archives and Chronicler of India, after a vacancy of many years, and held that post from 1631 until his death in or about the year 1649. The work from which the following extracts are taken was therefore drawn from authoritative sources. It was dedicated to King Philip III of Portugal, and was first published in 1876 by the Royal Academy of Sciences at Lisbon.—G. M. T.]

Mandou tambem sua Magestade n'este anno de 612 dois galeões a Moçambique em direitura, pelas novas que teve de se aprestarem para este Estado grandes esquadras de naus inglezas e hollandezas; para que, provida a dita fortaleza de gente e de tudo o mais de que tivesse necessidade, se viessem os dois galeões para Goa. Vinha n'elles por capitão mór em um Antonio Pinto da Fonseca, que havia militado em Flandes e ganhado grande nome e fama; por onde o mandava sua Magestade por visitador e provedor geral das fortalezas da India: o capitão do outro galeão se chamava João Cortez de Mendonça; os quaes chegaram a Moçambique, onde acharam dom Estevam de Ataide por conquistador e descobridor das minas da prata. E depois de ficar a fortaleza provida, querendo-se Antonio Pinto vir para Goa com os dois galeões, sobre querer trazer dois parentes seus, que achou casados na dita fortaleza de Moçambique, chegou a desavir-se com dom Estevam, dizem que induzido dom Estevam de algumas más vontades, com que chegou a abalar-se da fortaleza com soldados, e o ouvidor que então era d'ella, Pedr'Alvares Pereira, com muita gente a vir prender Antonio Pinto, que n'este tempo estava na igreja dos padres da Companhia. E esteve a causa bem arriscada, porque Antonio Pinto tinha tambem gente comsigo; porém metteram-se de permeio religiosos, e não se chegou a mais.

João Cortez de Mendonça não quiz vir por capitão do seu galeão para a India, ficando com licença de Antonio Pinto, com pretensão de passar aos rios de Cuama, promettendo dom Estevam de Ataide dar-lhe a prata que achasse ou descobrisse, para levar a sua Magestade; o que não houve effeito, por não achar prata, e assi veiu em seu lugar, no galeão, Manuel de Tavora, que tinha ido a Moçambique com gente de soccorro, mandado pelo visorei Ruy Lourenço de Tavora, e parece que ainda com a paixão atrazada fez dom Estevam de Ataide a este Manuel de Tavora capitão mór tambem do galeão de Antonio Pinto, que vinha por capitão mór por sua Magestade, e chegando á barra de Goa ambos com bandeiras de Christo, em setembro de 612, indo o visorei Ruy Lourenço á barra viu dois capitães môres de dois galeões, e informando-se da verdade mandou a Manuel de Tavora tirasse logo a bandeira de Christo.

As naus de viagem se negociaram este anno de 612 e partiram de Lisboa para este Estado, a 27 de março, tres; por capitão mór em uma dom Hieronymo de Almeida.

CAPITULO XVII.

Do que em Goa se ordenou depois da vinda das naus, sobre a fortaleza de Moçambique, e do estado d'ella e das minas da prata.

Mandou sua Magestade nestas naus de dom Hieronymo de Almeida ordem ao visorei d'este Estado mettesse de posse da fortaleza de Moçambique a Ruy de Mello de Sampaio, que havia sido tirado d'ella pelo contracto que fez o visorei Ruy Lourenço com dom Estevam de Ataide sobre a conquista e descobrimento das minas da prata; e ordenava que servisse o seu triennio por em cheio, sem lhe ser descontada nenhuma cousa do tempo que tinha servido quando o tiraram. Para o que mandou notificar a Ruy de Mello em Portugal esta ordem, e quando não viesse, aos mais providos da dita fortaleza a que coubesse entrar, para que o pudessem vir fazer; e quando nenhum d'elles se achasse n'este Estado, ordenava ao visorei mandasse pessoa de qualidade e partes conforme ás que se costumam despachar com similhante praça, e que tractasse mais do que conviesse a seu real serviço do que de tractos e mercancias. O que pondo-o em conselho de estado o visorei dom Hieronymo de Azevedo, assentaram todos que podia

dez dias, e guardam ao quarto dia, que são vinte e quatro da lua, e ao septimo, que são vinte e septe; e acabados estes tres dez, começam outro mez com a lua nova que apparece, e andam n'isto tão certos que não erram dia de lua. N'estes dias santos se vestem os cafres dos melhores pannos que tem, e o rei nos taes dias ouve as partes, de modo que para elles são dias de audiencia, e em quanto faz estas audiencias sempre está em pé, com dois bordões nas mãos, pequenos, de obra de um covado cada um, e as partes prostradas em terra; e muitas vezes dura a audiencia de pela manhã até vespera, sem nunca o rei se assentar, e quando elle não póde fazer audiencia por algum impedimento que tem, então a faz o Ningomoxa seu regedor. No oitavo dia da lua ninguem falla com o rei, nem lhe vão ao paço, porque tem agouro n'este dia, e nada de importancia começa, nem manda fazer n'elle.

O dia que apparece a lua nova costuma o rei pemberar em sua casa com duas azagaias nas mãos, que é correr de uma parte a outra, fingindo que peleja em guerra, e que se desvia do golpe que lhe tiram. A esta festa que o rei faz se acham presentes todos os grandes e senhores que assistem na corte; e depois de pemberar, manda vir uma grande panella que tem mandado coser de milho em grão, e com sua mão o espalha pelo chão, dizendo aos seus que comam d'elle, porque o milho nasce da terra, e elle é senhor d'ella, e elles seus vassallos; e os cafres que presentes estão apanham aquelles grãos de milho do chão, à porfia de quem mais apanhará, e o comem logo diante do rei, com tanto gosto como se foram confeitos.

No dia da lua nova do mez de maio é a sua festa grande, a que chamam chuauo, na qual comparecem todos os senhores de seus reinos, tirando os reis de titulo, que estes, postoque são vassallos do Manamotapa e lhe pagam seus tributos, comtudo nunca vão á sua corte, nem sahem fóra de seus reinos; mas todos os mais senhores, que são innumeraveis, se acham presentes a estas festas; e todos pemberam, que é escaramuçarem com azagaias nas mãos, remetendo uns aos outros, e ameaçando com ellas, como quando pelejam na guerra; e o Manamotapa está assentado vendo esta escaramuça; e n'estas festas, que se fazem ao som de muitos tambores e cornetas, se gasta o dia todo. O rei se recolhe como é noite, e ninguem o vê mais oito dias, nos quaes os tambores do rei estão sempre tangendo de dia e de noite com grande estrondo,

porque são muitos e mui grandes, ao modo de atabales; e no oitavo dia da lua manda o Manamotapa matar um d'aquelles grandes, a quem elle tem alguma má vontade, e com esta morte, que elle offerece aos seus mozimos como sacrificio, se acaba a festa, e cessam os tambores, e cada um se vae para sua terra e casa. Outros muitos abusos e superstições tem estes mocarangas, que seria mui largo dar razão de todas. E pois já fica mostrado quão grande senhor é o Manamotapa, assim de terras como de vassallos, e quão temido, venerado e obedecido era de todos elles, agora se mostrará como a fortuna inconstante virou sua roda contra elle, e o pôz em mui miseravel estado, como se verá na historia seguinte; pela qual razão se valeu dos portuguezes, e lhe fez doação das minas da prata, que é o intento d'este tractado, postoque para elle seja forçado tornar atraz alguns annos d'aquelles de que começa esta historia.

CAPITULO CXXV.

De como um cafre rei poderoso, chamado Chunzo, fez guerra ao Manamotapa; e de como os portuguezes o soccoreram e defenderam dos capitães do Chunzo.

N'esta grande região da Ethiopia vive um cafre, por nome Chunzo, rei poderoso de vassallos, cujo senhorio e reinos que tem correm ao longo do rio Zambeze pela terra dentro, da parte do ponente; ficando-lhe algumas terras do Manamotapa defronte, da outra parte do mesmo rio, de modo que é o rio a estremadura de ambos os reinos. Este Chunzo, invejoso do grande poder e senhorio do Manamotapa, determinou fazer-lhe guerra e conquistar-lhe os reinos que tinha visinhos, confiado em sua gente ser mais bellicosa que a do Manamotapa; e para isso elegeu dois capitães que tinha mui esforçados, e mandou a cada um por sua parte com gente de guerra, para que passassem ás terras que tenho dito, e entrassem por ellas e as conquistassem. Isto foi no anno do Senhor de 1597, sendo capitão de Moçambique Nuno da Cunha. Os capitães do Chunzo tomaram esta empreza á sua conta com muito cuidado.

O principal d'elles, chamado Capampo, foi entrando pelas terras do reino de Maboe, que estão ao longo do rio Zambeze, e as senhoreou todas, e d'ellas salteava as terras do Chirungo e da